

Vida e Meio: biologia e ciências do homem dos "Ideólogos" a Bergson

Supervisor (responsável): Pedro Paulo Garrido Pimenta

Candidato: Bruno Batista Rates

Instituição sede: Departamento de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP

Resumo: Este projeto apresenta uma pesquisa cujo objeto é a relação entre as ciências da vida e as ciências do homem. Baseando-se, num primeiro momento, em autores como Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) e Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), para posteriormente debruçar-se sobre Auguste Comte (1798-1857), Claude Bernard (1813-1878) e Henri Bergson (1859-1941), se procurará investigar como tal relação compreendia uma imbricada aliança entre saberes experimentais e pressupostos especulativos. Para tanto, se privilegiará dois problemas, correlatos entre si, que atravessam de ponta a ponta a doutrina dos autores escolhidos bem como dos meios intelectuais aos quais pertenciam: 1) o advento de uma interioridade vital, constituída a partir da relação com o meio e inferida através de avanços provindos da biologia; 2) o estatuto do homem frente a esta nova ideia de vida.

Palavras-chave: biologia, antropologia, positivismo, vitalismo

Life and environment: biology and human sciences from "Idéologues" to Bergson

Supervisor: Pedro Paulo Garrido Pimenta

Candidate: Bruno Batista Rates

Institution: Departamento de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP

Abstract: This project presents a research whose object is the relation between the sciences of life and the sciences of man. Based on Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) and Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), Auguste Comte (1798-1857), Claude Bernard (1813) -1878) and Henri Bergson (1859-1941), we will investigate how such a relation comprised a complex alliance between experimental knowledge and speculative presuppositions. In order to do so, it will be privileged two correlated problems that appear with emphasis in the doctrine of the chosen authors as well as the intellectual circles to which they belong: 1) the advent of a vital interiority, formed through the relationship with the environment and inferred through advances from biology; 2) the status of man in the face of this new idea of life.

Keywords: biology, anthropology, positivism, vitalism

1. Enunciado do problema.

A pesquisa de pós-doutorado a ser desenvolvida com base neste projeto visa aprofundar os resultados obtidos através de nossa tese de doutorado, defendida em abril de 2019, onde analisamos a articulação entre os conceitos de Natureza e Cultura na filosofia de Henri Bergson (1859 – 1941)¹. Partindo do diagnóstico da "crise da filosofia" na virada do século XIX para o XX, caracterizado pelo predomínio das ciências naturais no cenário intelectual europeu, investigou-se naquele trabalho a maneira pela qual a compatibilização de dois eixos teóricos aparentemente distintos, o evolucionismo e o espiritualismo, foi fundamental para que Bergson construísse uma proposta teórica abertamente naturalista sem que fosse preciso prescindir das categorias de liberdade, criação, interioridade e expressão, muito embora elas devessem ser doravante reformuladas. Era, portanto, através – e não à revelia – das conquistas provenientes dos saberes experimentais, notadamente da biologia e de suas disciplinas correlatas (fisiologia, citologia, estudos evolutivos, paleontologia, etc), que o francês foi capaz de argumentar em favor da ideia de que a cultura deveria ser entendida como produto da natureza, e que esta, tal com aquela, não obstante suas respectivas particularidades, era livre e criativa. Em outras palavras, tratava-se construir uma alternativa às concepções mecanicistas do homem e da vida a partir de uma estreita colaboração com conhecimentos acumulados não tanto no *cabinet* do filósofo, mas nos laboratórios ou estudos de campo dos cientistas. Um momento privilegiado desse estado de coisas dizia respeito à reformulação, em termos contemporâneos, da antiga questão acerca do lugar do homem na natureza, de modo que dois problemas, inter-relacionados entre si, se anunciaram no horizonte: 1) a passagem paulatina de uma interioridade exclusivamente psicológica a uma interioridade vital, bem como o modo em que esta se exterioriza, fato que reverberava diretamente no conceito de adaptação e nas articulações possíveis entre a vida e o meio que a circunda; 2) a relação entre a espécie humana e as demais espécies,

¹ *Natureza e Cultura na filosofia de Bergson* é o título de nossa tese defendida no departamento de filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) sob a orientação da prof. Dra. Débora Cristina Morato Pinto. Ela foi financiada pelo CNPq com período sanduíche na *Université Panthéon-Sorbonne* com co-orientação de David Lapoujade e recomendada para publicação. O presente projeto também pretende, em certo sentido, seguir alguns desdobramentos que podem ser depreendidos da nossa dissertação de mestrado intitulada *Vida e conhecimento da vida em Henri Bergson*, (financiada pela CAPES, defendida em 2012 no departamento de filosofia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e recomendada para publicação), e em nosso mestrado defendido em 2014 na *Université Toulouse – Jean Jaurès*, sob a orientação do prof. Arnaud François e em conluio com o Programa *Erasmus Mundus – Europhilosophie*, intitulada *La philosophie pratique d'Henri Bergson: vie et efficacité* (financiada pela *Commission européenne* e avaliada com "mention très bien").

tendo em vista a condição de vivente então compartilhada por todos os seres animados/orgânicos, o que implicava no questionamento do estatuto das expressões e produções humanas, quais sejam, história, moral, sociedade e linguagem.

Mas se, por um lado, o estudo das fontes biológicas e espiritualistas presentes na filosofia bergsoniana nos permitiu afirmar a novidade de seu projeto teórico, por outro, ele nos revelou um importante emaranhado histórico-filosófico que, deixado à sombra em nossa tese de doutorado, poderá ser, na pesquisa que aqui propomos, exposto à luz. Recuando no tempo, perceberemos que a aliança entre as ciências da vida e as ciências do homem possui suas raízes na aurora do século XIX, como atestam as figuras de Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) e Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808), ambos pioneiros, não por acaso, no uso dos termos "biologia" e "antropologia", respectivamente². Tais preocupações se estenderão ao longo do mesmo século com Auguste Comte (1798-1857) e Claude Bernard (1813-1878), além, é claro, do próprio Bergson³, todos preocupados, de uma maneira ou de outra, seja sobre o estatuto epistemológico da biologia (sua relação com a física e a recém-chegada sociologia, por exemplo), seja sobre a ideia de uma interioridade, própria aos fenômenos vitais, cujo princípio criador de formas é indissociável de sua relação com o meio. Tais autores e os círculos acadêmicos ao redor dos quais orbitavam e compartilhavam tais problemas constituirão, assim, o objeto de nossa pesquisa, que será dividida nas 4 etapas seguintes: 1. ciências do homem; 2. ciências da vida; 3. positivismo; 4. vitalismo.

² Lamarck utiliza pela primeira vez o termo "biologia" em 1802. Nesta ocasião, ele entende que a "física terrestre" deve possuir três eixos: a teoria da atmosfera (Meteorologia), a teoria da crosta externa do globo (Hidrogeologia) e a teoria dos corpos vivos (Biologia). LAMARCK, J.-B. *Hydrogéologie*, pp. 7-8. Grande parte das obras de Lamarck pode ser encontrada no site <http://www.lamarck.cnrs.fr> (feito sob os cuidados de Pietro Corsi). Sobre as primeiras ocorrências do termo "biologia": KLEIN, M. "Sur l'origine du vocable 'Biologie'" in *Archives d'anatomie, d'histologie et d'embryologie*, 37, 1954, pp. 105-114. Informações complementares podem ser encontradas em: GAYON, J. "De la biologie comme science historique" in *Sens public*, 2004. A respeito do termo "antropologia": CABANIS, P. J. G. *Rapport du physique et du moral de l'homme*. Paris, Caille et Ravier, 1815 [1802], p. 6. Nesta passagem, Cabanis elege o estabelecimento de uma "ciência do homem" o seu próprio projeto filosófico, pareando-o com "o que os alemães chamam de *Anthropologie*". Sobre esse excerto e a ressonância desses termos na França (ciência do homem) e na Alemanha (antropologia): WILLIAMS, E. A. *The physical and the moral. Anthropology, Physiology and Philosophical Medicine in France, 1750-1850*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994, pp. 1-19.

³ René Berthelot foi um dos primeiros a apontar a influência dos Ideólogos – e de Cabanis em particular – na escola espiritualista (notadamente Ravaisson) e na filosofia de Bergson. BERTHELOT, R. *Un romantisme utilitaire, étude sur le mouvement pragmatiste. Tome 2. Le Pragmatisme chez Bergson*, Paris, Félix Alcan, 1911. BERTHELOT, R. *Évolutionnisme et platonisme: mélanges d'histoire de la philosophie et de l'histoire des sciences*, Paris, Félix Alcan, 1908. Sobre as origens do espiritualismo nos vitalistas científicos: CAZENEUVE, J. *La Philosophie Médicale de Ravaisson*. Paris, PUF, 1958.

1.1. Ciências do homem. A antropologia de Cabanis e suas implicações biológicas

A primeira parte da pesquisa será dedicada à doutrina médico-filosófica proposta por Cabanis. Pretendendo efetuar uma "ciência do homem e da sociedade", Cabanis, ao lado de Destutt de Tracy (1754-1836), foi uma das principais figuras da corrente de pensamento comumente designada de "Ideólogos" ("Idéologues"). Contudo, a "ideologia" dos "Ideólogos" tem pouco a ver com o significado posteriormente a ela atribuído, isto é, com a ideia de "falsa consciência". Seu uso inaugural se referia a um método, ou ainda, como querem alguns, a uma arte de conduzir o pensamento oposta à "antiga metafísica", centrada no estudo das causas primeiras⁴. Apesar das polêmicas acerca da definição do termo e da pertinência do mesmo em designar este ou aquele pensador⁵, há uma unanimidade a respeito das linhas gerais da Ideologia, ao menos tal como foi formulada por Tracy: uma ciência das ideias que se debruça sobre sua formação, expressão (gramática) e combinação (lógica), e que tem como dimensão imprescindível as condições fisiológicas desse processo. Antecipando a metafísica positiva bergsoniana quando definida em contraste com o espiritualismo⁶, Tracy e Cabanis entendiam que o estudo das atividades "superiores" (pensamento) é indissociável do estudo das atividades "inferiores" (funções corporais), de modo que o homem deve ser compreendido como totalidade psicofisiológica indivisível. E aqui reside um ponto importante, que pretendemos explorar com profundidade em nossa pesquisa, já que representa um forte elo de conexão entre os autores escolhidos. Porque se à primeira vista o programa dos Ideólogos anuncia uma clara reação ao dualismo de Descartes (o que não deixa de ser verdade, sobretudo se pensarmos na sua proximidade com os "vitalistas" de Montpellier e Paris, em detrimento dos "iatromecanicistas"), é à figura de Condillac (1714-1780) que devemos nos reportar. Em seu *Relatório sobre o físico e o moral do homem* Cabanis é explícito ao defender que o ser humano é condicionado por suas circunstâncias (tais como idade, gênero, clima, saúde, regime alimentar, etc) e que, conseqüentemente, seria possível reforma-lo agindo diretamente sobre o meio que o influencia, fato que anuncia

⁴ GUSDORFF, G. *Les sciences humaines et la pensée occidentale. Tome VIII. La conscience révolutionnaire. Les Idéologues*. Paris, Les Éditions Payot, 1978, pp. 351ss.

⁵ STAUM, M. *Cabanis. Enlightenment and Medical Philosophy in the French Revolution*. Princeton, Princeton University Press, 1980, pp. 3-19.

⁶ BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris, PUF, 2008, p. 125; BERGSON, H. "2 mai 1901 – Le parallélisme psycho-physique et la métaphysique positive" in *Écrits philosophiques*, Paris, PUF, 2011, p. 246.

a forte vocação não só científica como também "cultural" de tais pensadores⁷. No entanto, embora essa tese indique que não há nada além da experiência sensível, havia uma tentativa de corrigir os excessos do sensualismo, cuja versão exposta no *Tratado das sensações* de Condillac asseverava que a experiência externa era suficiente para explicar não só a formação das ideias e pensamentos como também das próprias faculdades que as engendravam. É verdade que as ideias provêm das sensações, mas elas são suscetíveis às influências físicas que operam nos órgãos externos e *internos* dos sentidos. Em seu memorável estudo, Sergio Moravia chamou a atenção para o protagonismo dos Ideólogos – e em especial de Cabanis – em tal reformulação, epitomada na lenta passagem do "homem-máquina" ao "homem-sensível". Segundo Moravia, é a partir do século XVIII que começa a surgir com contornos mais nítidos a ideia de uma sensibilidade distinta daquela preconizada pelo célebre exemplo do "homem estátua" oferecido por Condillac ao longo do *Tratado das sensações*. Fruto de um acúmulo de descobertas provenientes das ciências da vida, sobretudo das escolas médicas de Montpellier, Paris e Edimburgo, o novo "homem sensível" "se adapta", ou seja, é marcado por uma interioridade dinâmica que se relaciona ativamente com as condições que lhe chegam do "exterior". Assim, o físico e o moral, para usar os termos de Cabanis, não se ajustam automaticamente às impressões veiculadas através de uma pedagogia (institucional ou não) devidamente instruída; antes, eles compõem a própria unidade vital do homem, expressa numa "educação" e coordenação próprias. Nas palavras do pesquisador italiano:

A vida é uma realidade que, em grande medida, não pode ser mais comparada a coisa alguma; por essa razão ela requer, de um ponto de vista cognitivo, o lugar autônomo e o status que lhe foi finalmente concedido pela fisiologia. No que concerne ao ser vivo, ele não é (nem mesmo metaforicamente) uma máquina, mas um ser sensível. Trata-se de um ser orgânico feito de carne, nervos e músculos; possuindo forças dinâmicas e impulsos; e caracterizado por processos que não possuem relação com o trabalho de uma máquina. Esta imagem do ser vivo, oportunamente elaborada (especialmente por Cabanis) logo se contrastaria não somente com o modelo iatromecânico do homem-máquina, como também com o modelo do homem-estátua de Condillac. Diferentemente da máquina e da estátua, o organismo vivo não vive uma vida exclusivamente determinada pelo meio ambiente e suas modificações. Feito de sentimento e centros dinâmicos [...] possuem uma vitalidade e atividade internas⁸.

⁷ CABANIS, P. J. G. *op. cit.*, p. 68-69.

⁸ MORAVIA, S. "Homme Machine to Homme Sensible: Changing Eighteenth-Century Models of Man's Image" in *Journal of the History of Ideas*, Vol. 39, No. 1 (Jan. - Mar., 1978), p. 58.

É, portanto, em contraposição ao sensualismo e com a ajuda dos avanços provindos da fisiologia que Cabanis constrói algo que pouco à pouco se transformará num "espaço interior", cujas ressonâncias serão ouvidas ao longo do século XIX francês através não só da psicologia experimental, como também do ecletismo e do espiritualismo, ou seja, de todos aqueles que procuravam oferecer uma justa medida a um "eu" comprimido entre as engrenagens do mecanicismo, a passividade do sensualismo e o "sentido íntimo" dos apologéticos ⁹. Ora, se é o caso de considerar uma atividade organizadora intrínseca à vida, seria possível depreender daí uma pura espontaneidade ou autonomia? Qual é a relação dessa sensibilidade dinâmica com as condições que o meio lhe impõe? Em que medida o problema da organização do homem poderia ser dissolvido no problema da organização da vida? Estas serão algumas questões que tentaremos responder ao longo de nosso trabalho. Mas embora as respostas a tais perguntas constituam um eixo crucial para esta etapa da pesquisa, ela toca no problema da adaptação, cuja formulação em termos de "hereditariedade do adquirido" será desenvolvida em grande amplitude pelo próximo autor a ser examinado, Lamarck.

1.2. Ciências da vida. A biologia de Lamarck e suas implicações antropológicas

Segundo o escrutínio de um intérprete, Lamarck pode ser considerado como uma espécie de Ideólogo "independente" ¹⁰, já em que compartilha a influência e a posterior tentativa de reformulação do sensualismo de Condillac. No texto de abertura ao *Curso sobre os animais sem vértebra*, Lamarck é abertamente elogioso ao "método de análise [...] o único verdadeiramente favorável ao progresso de nossos conhecimentos" ¹¹. Partindo da totalidade dos objetos que se pretende conhecer para então chegar às suas particularidades, a "análise ideológica" preconizaria uma abordagem aos fenômenos naturais que permitiria ao naturalista conhecer as relações entre os diversos fenômenos estudados, suas composições mais básicas e, conseqüentemente, as relações entre estas e suas manifestações "superiores". Em suma, é de acordo com esse método que nos aproximáramos das formas elementares da vida, distinguindo de modo mais escrupuloso

⁹ GOLDSTEIN, J. *The Post-Revolutionary self. Politics and Psyche in France, 1750-1850*. Cambridge, Harvard University Press, 2005. Também: MADINIER, G. *Conscience et mouvement. Étude sur la philosophie française de Condillac à Bergson*. Louvain, Éditions Nauwelaerts, 1967.

¹⁰ GUSDORFF, G. *op. cit.*, p.

¹¹ LAMARCK, J.-B. *Discours d'ouverture du Cours des Animaux sans vertèbres*, 1806, p. 124 in <http://www.lamarck.cnrs.fr>

o vivo do não-vivo, o organizado do desorganizado. Duas consequências decorrem dessa estratégia, e será sobre elas que essa segunda etapa de nossa pesquisa se debruçará. A primeira é a ideia de que o estudo dos seres vivos deve deixar de ser um inventário das diversas subdivisões catalogadas no mundo natural (como queria Lineu) para tornar-se uma ciência cujo objeto é uma escala temporal que vai do organismo simples ao complexo. Mas e o caso de Buffon, não teria sido ele o pioneiro no estabelecimento de uma "história natural"? Segundo o canônico comentário de Henri Daudin, a biologia, enquanto *ciência* dos fenômenos vitais deveria ser mais que uma simples "história", já que, além de "descrever" a natureza, ela deveria também "explicá-la" ¹². E qual será, portanto, a explicação oferecida por Lamarck? Pelo menos dois motivos eram levados em consideração: o ajuste da ação do ser vivo às circunstâncias e a ideia de que o uso contínuo deste ou daquele órgão o fortalecia. Entretanto, lembremos que, diferentemente de Cabanis – ainda que este seja considerado por alguns como um "proto-evolucionista" ¹³ – as preocupações de Lamarck não se referiam ao *equilíbrio* proporcionado por uma vida física e moralmente sã, mas sobre sua gênese e desenvolvimento, ou ainda, sobre a *evolução* das espécies. Seu interesse estava, pois, centrado na adaptação tendo em vista a modificação dos organismos ao longo de uma escala que nos levava dos seres mais simples aos mais complexos. Caberá estabelecer – e esse será uma polêmica a ser esclarecida em nosso trabalho – se, a partir daí, devemos considerar que as transformações da vida são determinadas e dirigidas pelo meio ou se seria o caso de atribuir tal primazia a uma vontade ou intenção, inerente à vida, em se complexificar.

Isso nos passa à segunda consequência que gostaríamos de abordar, referente ao lugar do homem na natureza. Não são raras as ocasiões em *Filosofia Zoológica* que Lamarck felicita Cabanis (às vezes por intermédio de um aluno deste último, Richerand) por enxergar que a vida é sensibilidade, muito embora o elogio seja feito com uma importante ressalva ¹⁴. Justamente por não se ater ao caráter evolutivo da vida, mas à sua estrutura fisiológica, Cabanis acabou por não distinguir "irritabilidade" e "sensibilidade", quer dizer, que a interioridade do "homem sensível" é fruto da adaptação provinda da

¹² DAUDIN, H. *Cuvier et Lamarck, les classes zoologiques et l'idée de série animale – Tome I (1790-1830)*. Paris, Editions des Archives Contemporaines, 1983, p. 18. BURKHARDT, R. W. *The Spirit of a System. Lamarck and Evolutionary Biology*. Cambridge, Harvard University Press, 1977, pp. 127-142.

¹³ RICHARDS, R. *Darwin and the emergence of evolutionary theories of human behavior*. Chicago, Chicago University Press, 1987, pp. 45-47.

¹⁴ LAMARCK, J.-B. *Philosophie Zoologique*. Paris, GF-Flammarion, 1994, pp. 375-377, 629.

pressão exercida pelo meio às partes irritáveis dos organismos. Esse processo criaria paulatinamente o que Lamarck denomina de "sentimento interior" que, por sua vez, estaria ligado ao hábito e ao instinto, constituindo-se como o laço da união, outrora requerida por Cabanis, entre o físico e o moral. Além disso, tal processo de internalização gradual produziria centros nervosos cada vez mais complexos que libertariam os animais da dominação passiva das forças externas¹⁵, tese desenvolvida com exatidão por Bergson em *Matéria e memória* e, sobretudo, no segundo capítulo de *A evolução criadora*. A pergunta a se fazer, portanto, é a seguinte: uma vez o sistema nervoso humano sendo considerado como o mais evoluído, não seria possível concluir sua maior autonomia em relação às determinações do ambiente e, conseqüentemente, considerar o homem como o mais livre entre os viventes? E mais: se a vida tende a se complexificar, não teria ela como finalidade o homem ou, em outras palavras, a liberdade advinda das condições orgânicas do vivente mais complexo? Em suma, quais as conseqüências antropológicas da biologia lamarckiana, sobretudo se pensarmos no entrecruzamento das obscuras noções de transformação, evolução e progresso?¹⁶

1.3. Positivismo. A filosofia biológica de Comte como ciência positiva

Alguns autores têm salientado a importância de uma dimensão do pensamento de Auguste Comte que vai muito além da conhecida teoria dos três estados, e que parece não ter recebido a devida atenção: sua filosofia biológica, exposta de modo mais acabado nas lições 40^a à 46^a do *Curso de Filosofia Positiva*. Georges Canguilhem, por exemplo, é enfático ao dizer que, durante um bom período do século XIX, todos os biólogos, ao menos na França, referiam-se direta ou indiretamente a esse aspecto da obra do fundador do positivismo¹⁷. Dois momentos se mostram cruciais nesse amplo projeto teórico, um relativo ao lugar da biologia na hierarquia dos saberes, e outro, talvez ainda mais proveitoso para nós, concernente à "naturalização" dos fenômenos morais, ambos refletindo, ressalta-se, uma intenção presente no pensamento de Comte de compatibilizar

¹⁵ CORSI, P. *Oltre il mito: Lamarck e le scienze naturali del suo tempo*. Bologna, Il Mulino, 1983, pp. 180ss.

¹⁶ Logo no "Discours préliminaire" de *Filosofia Zoológica*, Lamarck, comentando o *Rapport du physique et du moral de l'homme*, dirá que Cabanis sabiamente argumentou sobre a influência do físico sobre o moral, mas que, infelizmente, não enfatizou com a devida importância a influência do moral sobre o físico. LAMARCK, J.-B. *op. cit.*, 1994, pp. 67ss.

¹⁷ CANGUILHEM, G. "La philosophie biologique d'Auguste Comte et son influence en France au XIXe siècle" in Id. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris, Vrin, 1994, p. 71.

ciência positiva e *filosofia* positiva. Sua conhecida crítica à introspecção, por exemplo, e a impossibilidade inerente à psicologia de integrar o arcabouço classificatório das ciências é uma boa porta de entrada ao problema, já que nos mostra como o estudo do órgão do pensamento, o cérebro, deve ser conjugado com a investigação sobre as produções do pensamento. Em outros termos, isso significa que a fisiologia e sociologia formam dois domínios que, apesar de distintos, devem ser integrados numa hierarquia que os sistematize. Dirá Clauzade e Guillin na apresentação de um dossiê dedicado ao tema:

Auguste Comte insistia simultaneamente sobre o enraizamento biológico dos fenômenos do espírito (notadamente no nível cerebral) e sobre as dimensões coletivas e históricas (levadas à cabo pela sociologia) que proibiam que tais fenômenos fossem reduzidos aos seus substratos materiais ou às funções orgânicas que os produziam. Encontra-se, assim, no coração da filosofia biológica comtiana, a tensão constitutiva da reflexão sobre as relações entre o "físico" e o "moral" que se cristaliza na primeira metade do século XIX¹⁸.

Nesse contexto, será imperativo investigar, por um lado, como a pluralidade dos métodos de investigação empregados possui uma ligação direta com a pluralidade dos objetos a serem estudados, conferindo autonomia à biologia e aos fenômenos da vida. Por outro, trata-se de entender a tentativa deliberada de organização sistemática das ciências – talvez a mais ambiciosa no século XIX, ao lado da empreendida por Hegel e Spencer, com as quais de certa forma rivaliza –, cuja implicação necessária é relacionar e integrar tal autonomia com outros domínios positivos do espírito humano, "inferiores" ou "superiores", nos interessando aqui especificamente a sociologia.

1.4. Vitalismo. Do "meio interior" (Claude Bernard) ao "elã vital" (Bergson)

Figura maior da biologia francesa da segunda metade do século XIX, o pensamento de Claude Bernard será investigado em duas frentes, uma diretamente relacionada às ideias dos pensadores apresentados anteriormente e outra focada nos desdobramentos que serão posteriormente levados à cabo por Bergson. A primeira concerne ao problema do estatuto epistemológico da fisiologia, projeto empreendido por Bernard em seu *Introdução ao estudo da medicina experimental*, livro considerado pelo

¹⁸ CLAUZADE, L. & GUILLIN, V. "Introduction. Dossie Physiologie et Psychologie au temps d'Auguste Comte" in *Revue d'histoire des sciences*, Tome 65-2, juillet-décembre 2012, p. 194

próprio Bergson, em seu texto "A filosofia de Claude Bernard" (1913), como tendo desempenhado para as ciências da vida o que o *Discurso sobre o método* desempenhou para as "ciências abstratas da matéria"¹⁹. Um pouco antes de Bergson, nomes ligados ao criticismo, como Renouvier, mas também espiritualistas como Ravaisson, Caro e Paul Janet²⁰, já chamavam a atenção sobre as implicações filosóficas desse programa teórico de Bernard, e parece ser nas *Lições sobre os fenômenos da vida comuns aos animais e vegetais* que sua explicitação ganhará uma formulação mais acabada. Ali, Bernard desenha os contornos do que seria uma fisiologia livre das amarras mecanicistas (Lavoisier e Laplace) e vitalistas (Bichat), ou seja, de uma fisiologia verdadeiramente *fisiológica*. É nesse espaço, entre a "destruição" (condições "físio-químicas/'materiais") e a "criação" (condições "vitais"), que parece residir a originalidade do fato fisiológico, cujas exigências de investigação se apoiam numa ideia muito particular de "experiência", marcada por algo que poderíamos caracterizar de "mecanicismo não determinista" ou, como quer Bergson, "um racionalismo alargado, que visa a ultrapassar o mecanismo científico reduzindo-o a um procedimento de notação mais ou menos relativo e convencional"²¹, de modo que um juízo acerca de um resultado obtido no laboratório de fisiologia deve ser encarado como uma tese momentânea acerca de "uma certa ordem na qual se agrupam os elementos". É a partir dessas considerações que emerge a segunda frente de questões a ser respondida.

Durante as investigações sobre a função do glicogênio no fígado, Bernard descobriu que o próprio organismo estava apto a produzir, através do fenômeno da "secreção interna", a substância necessária ao funcionamento dos tecidos, Tal descoberta o leva a formular o conceito de "meio interior", isto é, a ideia de que o organismo possui uma certa independência do meio externo²². Mas isso não significava, tal como previa Bichat e outros, que a vida se desenvolvia e se conservava contra as forças físico-químicas

¹⁹ BERGSON, H. "La philosophie de Claude Bernard" in Id. *La Pensée et le mouvant*. Paris, PUF, 2009, pp. 229-230.

²⁰ RENOUVIER, C. "De l'idée de force en physiologie. La physiologie biologique de Claude Bernard" in *La critique philosophique*, XVI, n. 2, 1887, pp. 112-139. RAVAISSON, F. *Rapport sur la philosophie en France au XIXe siècle*. Paris, Fayard, 1984 [1867], pp. 172-181. CARO, E. M., "La métaphysique et les sciences positives" in *Revue des Deux Mondes*, XXXVI, n. 66, 1866, pp. 421-452. JANET, P. "La méthode expérimentale en physiologie" in *Revue des Deux Mondes*, XXXVI, n. 62, 1866, pp. 908-936.

²¹ *Idem*.

²² BERNARD, C. *Leçons de physiologie expérimentale appliquées à la médecine, faites au Collège de France* (2 vols.). Paris, J.-B. Baillière et fils, 1855-1856, pp. 96-97, 107-109. CANGUILHEM, G. "Theories et techniques de l'expérimentation chez Claude Bernard" in Id. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris, Vrin, 1994.

do mundo inorgânico; sob a alcunha do "meio interior", a vida poderia ser considerada uma "harmoniosa correlação entre a íntima estrutura do organismo e a condição externa"²³. É verdade que o sentido de tal harmonia deve ser entendido com cuidado, já que Bernard acrescenta uma dimensão criativa à auto regulação característica dos seres orgânicos. Será o momento de investigarmos a noção de "criação vital", tendo em vista a ambiguidade conferida ao que ele denomina de "força evolutiva da vida". Escreve o fisiologista em 1875: "Diríamos com Descartes: pensamos metafisicamente, mas vivemos e agimos fisicamente"²⁴.

É precisamente o elogio de Bergson a esta dimensão do programa teórico de Bernard que servirá de porta de entrada para a investigação comparativa entre o "meio interior" e o conceito de "elã vital", cuja aparição acontece em *A evolução criadora* (1907). Entendido como uma "hipótese", tal conceito parece oscilar entre uma descrição provisória da "vida em geral" – já que sua veracidade é posta à prova no contato com as ciências experimentais – e uma asserção de cunho abertamente metafísico, cuja ambição última é a de asseverar um juízo sobre a realidade da vida. Ademais, é com a ajuda de Bernard que Bergson parece conciliar a dimensão "destrutiva" da vida, ou, para tomar emprestado o termo usado em *A evolução criadora*, sua "finitude". Embora saliente-se com frequência o caráter criativo da vida na filosofia bergsoniana, é importante levar em consideração as implicações acerca de seus limites, e aqui parece haver uma filiação tanto lamarckiana (o limite da vida é externo) quanto bernardiana (o limite da vida é constitutivo da própria vida). Parece-nos que a noção de adaptação desempenhará um papel crucial na discussão desses temas, uma vez que ela indicará os termos da relação não só da vida com suas condições externas de existência, como também com suas condições internas. Esperamos, portanto, nessa etapa da pesquisa, esmiuçar alguns elementos pouco explorados no controverso conceito de elã vital.

Ainda em seu ensaio sobre Bernard, Bergson salientará o legado de "uma filosofia geral" deixado pelo fisiologista, onde teria sido aventada uma nova concepção de verdade, baseada no desvio entre a lógica do homem e a da natureza²⁵. Isso nos coloca

²³ CONTINI, A. *Estetica della biologia. Dalla scuola di Montpellier a Henri Bergson*. Milano, Mimesis, 2012, p. 92.

²⁴ BERNARD, C. *La Science Expérimentale*. Paris, J.-B. Baillière et fils, 1878, p. 212.

²⁵ BERGSON, H. "La philosophie de Claude Bernard" in id, *op. cit.*, 2009, p. 235

frente à tensão permanente entre o homem, ser pensante, e o homem, ser vivo, e ao projeto de uma teoria do conhecimento biologicamente orientada, exposta em *Matéria e memória* e *A evolução criadora*, e cujos desdobramentos morais serão enormes em *As duas fontes da moral e da religião*. Fruto da evolução da vida e dotado de inteligência, o homem seria assolado por uma espécie de deficiência congênita quando deseja conhecer o modo de funcionamento dos processos orgânicos. Entretanto, será também por razões biológico-evolutivas que ele poderá compreender o processo vital com fidedignidade, uma vez que a vida é, simultaneamente, física e metafísica. Ora, não estaria aqui a aliança, aventada por Bernard e mencionada acima por nós, de que "pensamos metafisicamente, mas vivemos e agimos fisicamente"? Muitos anos depois, em 1937, Bergson dirá, também se posicionando em relação a Descartes, que sua pretensão sempre foi a de construir um "pragmatismo metafísico", em que "teoria e aplicação se condicionam reciprocamente"²⁶. Tal é a questão sobre a qual pretendemos nos debruçar ao final da pesquisa.

2. Resultados esperados.

De forma geral, o objetivo mais amplo da pesquisa consiste em contribuir para o esclarecimento conceitual e histórico do problema que se convencionou chamar de "Natureza e cultura", cujos contornos parecem se delinear com nitidez acentuada a partir do surgimento mais ou menos simultâneo das ciências do homem (antropologia) e das ciências da vida (biologia) na turbulenta passagem do século XVIII para o século XIX. Assim, o trabalho pretende analisar uma tradição de pensamento decisiva para esse debate, que além disso está na antecâmara das discussões mais atuais a este respeito. A constatação do homem como ser vivo e, posteriormente, do estatuto histórico dessa condição, colocará importantes desafios às dicotomias assentadas na tradição filosófica que balizam o referido tema. Dentre elas, poderíamos citar, por exemplo, os binômios "espírito e natureza", "homem e animal" ou, para ficar com os termos forjados por Cabanis, "físico e moral".

De maneira mais específica, pretende-se contribuir tanto para a compreensão do legado posterior dos projetos teóricos dos Ideólogos (notadamente Cabanis) e dos transformistas (notadamente Lamarck) quanto das influências e origens conceituais da

²⁶ BERGSON, H. "Juin 1937 – Message au Congrès Descartes" in Id. *Écrits philosophiques*. Paris, PUF, 2011, p. 700.

filosofia bergsoniana. Por fim, intenciona-se jogar luz, através de Comte e Claude Bernard, sobre os antecedentes históricos de filósofos contemporâneos como Georges Canguilhem, bem como sobre os debates atuais sobre o tema do vitalismo.

3. Cronograma de execução do projeto.

Dois anos de pesquisa no Brasil e um ano de pesquisa na França são previstos pelo projeto. No caso do exterior, o pesquisador estaria ligado a *École Normale Supérieure – ENS* sob a supervisão do professor Frédéric Worms, a depender da necessidade.

Segundo semestre de 2019: leitura da bibliografia sobre os Ideólogos e Cabanis. Edição da tese "Natureza e cultura na filosofia de Bergson" em formato livro.

Primeiro semestre de 2020: leitura da bibliografia sobre Cabanis e Lamack. Publicação de um artigo sobre o tema em algum periódico brasileiro. Edição da tese em formato livro e envio a editoras universitárias para a publicação (Editora Unifesp ou Editora UFABC).

Segundo semestre de 2020: leitura da bibliografia sobre Lamarck e de autores ligados ao transformismo/evolucionismo (a tradição inglesa e alemã relacionada a este tema poderá ser mobilizada). Publicação de um artigo na revista internacional *Bergsonian*.

Primeiro semestre de 2021: estágio de pesquisa na França. Aprofundamento da bibliografia sobre Comte, Claude Bernard e Bergson.

Segundo semestre de 2021: continuação do estágio de pesquisa na França. Aprofundamento da bibliografia sobre Comte, Claude Bernard e Bergson. Publicação de um artigo na *Bergsonian*.

Primeiro semestre de 2022: volta ao Brasil. Aprofundamento da bibliografia sobre Comte, Claude Bernard e Bergson. Redação e edição, em forma de livro, do material produzido. Finalização da pesquisa.

4. Disseminação e avaliação.

Este projeto prevê a publicação de quatro artigos que porventura possam ser reunidos em forma de livro. Também pretendemos formatar e publicar a nossa tese de doutorado acrescentando, caso haja necessidade, alguns resultados obtidos ao longo da pesquisa. Dois artigos serão publicados na *Bergsonian*, revista que substituirá a partir do ano de 2020 o periódico *Annales Bergsoniennes* (publicado pela PUF na coleção

"Épiméthée"), que, por sua vez, continuava o antigo projeto do *Les Études Bergsoniennes* (1948-1973). Dedicada à disseminação dos estudos sobre a filosofia de Henri Bergson e associado a *Société des Amis de Bergson* (SAB), a *Bergsonian* será dirigida por Frédéric Worms (ENS-Ulm) e terá Caterina Zanfi (CNRS) como redatora-chefe. Eu serei membro efetivo do comitê de redação.

A participação em eventos nacionais e internacionais sobre os temas abordados será realizada tanto quanto possível. Também está prevista a participação no grupo dirigido pelo supervisor da pesquisa, prof. Pedro Paulo Garrido Pimenta.

5. Bibliografia

5.1. Etapa I

Oeuvres complètes de Cabanis, 5 volumes (ed. François Thurot). Paris, 1823-1825.

Oeuvres complètes de Cabanis, 2 volumes (ed. Claude Lehec et Jean Cazeneuve). Paris, PUF, 1956.

ARQUIOLA, E. & MONTIEL, L. *La corona de las ciencias naturales: la medicina en el tránsito del siglo XVIII al XIX*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1993.

CLAUZADE, L. *L'idéologie ou la Révolution de l'analyse*. Paris, Gallimard, 1998.

FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*. Paris, PUF, 2009.

GUSDORFF, G. *Les sciences humaines et la pensée occidentale. Tome VIII. La conscience révolutionnaire. Les Idéologues*. Paris, Les Éditions Payot, 1978.

MORAVIA, S. *La Scienza dell'uomo nel settecento*. Bari, Laterza, 1970.

_____. *Il Pensiero Degli Ideologues: Scienza e Filosofia in Francia, 1780-1815*. Firenze, La Nuova Italia, 1974.

_____. *Il Tramonto dell'illuminismo: Filosofia e politica nella società francese, 1770-1810*. Bari, Laterza, 1968.

STAUM, M. *Cabanis. Enlightenment and Medical Philosophy in the French Revolution*. Princeton, Princeton University Press, 1980.

WILLIAMS, E. A. *The physical and the moral. Anthropology, Physiology and Philosophical Medicine in France, 1750-1850*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

5.2. Etapa II

LAMARCK, J.-B. *Philosophie Zoologique*. Paris, GF-Flammarion, 1994.

BURKHARDT, R. W. *The Spirit of a System. Lamarck and Evolutionary Biology*. Cambridge, Harvard University Press, 1977.

CORSI, P. *Oltre il mito: Lamarck e le scienze naturali del suo tempo*. Bologna, Il Mulino, 1983.

DAUDIN, H. *Cuvier et Lamarck, les classes zoologiques et l'idée de série animale (1790-1830)*, 2 tomes. Paris, Editions des Archives Contemporaines, 1983.

_____. *De Linné à Lamarck: Méthodes de la classification et idée de série en botanique et en zoologie (1740-1790)*. Paris, Editions des Archives Contemporaines, 1983.

FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*, Gallimard, Paris, 1967.

GREENE, J. C. *The death of Adam. Evolution and its impact in Western thought*. Iowa State Press, Iowa, 1996.

JORDANOVA, L. J. *Lamarck*. Oxford, Oxford University Press, 1984.

ROULE, L. *Lamarck et l'interprétation de la nature*. Paris, Flammarion, 1927.

RUSSELL, E. S. *Form and Function*, John Murray, London, 1916.

5.3. Etapa III

COMTE, A. *Cours de philosophie positive in Oeuvres d'Auguste Comte* (édition présentée par S. Péron), 12 volumes. Paris, Édition Anthropos, 1969-1971.

BRAUMSTEIN, J.-F. *La philosophie de la médecine d'Auguste Comte*. Paris, PUF, 2015.

CANGUILHEM, G. *Études d'histoire et de philosophie des sciences, concernant les vivants et la vie*. Paris, Vrin, 1990.

CLAUZADE, C. *L'organe de la pensée: Biologie et philosophie chez Auguste Comte*. Besançon, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2009.

FEDI, L. *Comte*. Paris, Les Belles Lettres, 2000.

GOUHIER, H. *La jeunesse d'Auguste Comte et la formation du positivisme* (3 volumes). Vrin, Paris, 1970.

GREENE, J. C. "Biology and Social Theory in the Nineteenth Century: Auguste Comte and Herbert Spencer" in Clagett, M. *Critical Problems in the History of Science*. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1969, pp. 419-446.

MACHEREY, P. *Comte, la philosophie et les sciences*. Paris, PUF, 1989.

5.4. Etapa IV

BERNARD, C. *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. Paris, Flammarion, 2013.

_____. *La Science Expérimentale*. Paris, J.-B. Baillière et fils, 1878.

_____. *Leçons de physiologie expérimentale appliquées à la médecine, faites au Collège de France* (2 vols.). Paris, J.-B. Baillière et fils, 1855-1856.

BERGSON, H. "La philosophie de Claude Bernard" in Id. *La Pensée et le mouvant*. Paris, PUF.

_____. *L'évolution créatrice*. Paris, PUF, 2008.

_____. *Les deux sources de la morale et de la religion*. Paris, PUF, 2008

_____. *Matière et mémoire*. Paris, PUF, 2008.

_____. *Mélanges*. Paris, PUF, 1972.

BOWLER, P. J. *The Eclipse of Darwinism. Anti-Darwinian Evolution Theories in the Decades around 1900*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 1983.

_____. *Theories of human evolution. A century of debate, 1844-1944*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 1986.

CANGUILHEM, G. *Études d'histoire et de philosophie des sciences, concernant les vivants et la vie*. Paris, Vrin, 1990.

CONTINI, A. *Estetica della biologia. Dalla scuola di Montpellier a Henri Bergson*. Milano, Mimesis, 2012.

DUCHESNEAU, F. (org.). *Claude Bernard, la Méthode de la Physiologie*. Paris, Éditions Rue d'Ulm, 2013.

MICHEL, J. (org.). *La nécessité de Claude Bernard*. Editions Paris L'Harmattan, 2003.